

## RESENHA DE IDENTIDADE E ALTERIDADE: CONCEITOS, RELAÇÕES E A PRÁTICA LITERÁRIA, DE SUZI FRANKL SPERBER\*

Anita Martins Rodrigues de Moraes(USP/ Fapesp)<sup>1</sup>

*Identidade e Alteridade: conceitos, relações e a prática literária*, de Suzi Frankl Sperber (2008), consiste no primeiro volume da coleção *Work in Progress*, novo projeto editorial do Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp). O objetivo dessa coleção, coordenada por Carlos Eduardo Ornelas Berriel, é, segundo editorial, “a divulgação de pesquisas e reflexões de membros do Corpo Docente do IEL, em seu estágio presente de elaboração (...)”. O livro de Suzi Sperber dá a conhecer reflexões sobre literatura brasileira marginal e periférica, tema de dois cursos de pós-graduação por ela ministrados recentemente. A autora nos adverte, porém, que se o livro apresenta os resultados de uma pesquisa em curso nos últimos dois anos, repõe as questões com que se tem debatido ao longo de toda trajetória como pesquisadora e docente: “desde o começo de minha carreira acadêmica preocupei-me com identidade e alteridade, com valores éticos, princípios libertários e igualitários. O interesse por estas questões desembocou na proposta dos cursos, que, por sua vez, alimentaram a redação deste livro” (p. 6).

Ao investigar a literatura marginal e periférica, discutindo especialmente a questão da representação da violência, a autora se vale de um arcabouço teórico instigante, construído ao longo de suas pesquisas anteriores, como seus estudos da ficção de Guimarães Rosa (com publicações como *Caos e Cosmos e Signo e Sentimento*) e sua teorização, em diálogo com a psicanálise, a respeito da necessidade humana da efabulação (com destaque para *Ficção e Razão: uma retomada das formas simples*). Sperber produz, assim, análises literárias finas, recorrendo, crítica e criativamente, a um instrumental analítico

\*\*\*\*\*  
\* Livro resenhado: SPERBER, SUZI FRANKL. *Identidade e Alteridade: conceitos, relações e a prática literária*. São Paulo: Editora Unicamp, 2008. (Col. *Work in Progress*).

<sup>1</sup> Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Goza de bolsa de pesquisa (pós-doutorado) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, desenvolvendo projeto na Universidade de São Paulo.

já clássico no âmbito dos estudos literários (como os “modos imitativos” de Northrop Frye), aliadas a uma reflexão sobre os desdobramentos ético-políticos de certas estratégias de composição literária, em produtivo diálogo com Hannah Arendt, Norberto Bobbio, Gilles Deleuze, dentre outros.

Sperber, estudando a ficção de Guimarães Rosa, apontara (numa época em que Rosa era visto por muitos como escritor politicamente reacionário) os efeitos corrosivos que as estratégias de composição rosianas tinham nos estereótipos correntes acerca do homem do campo (lembremos do depreciativo Jeca Tatu, de Lobato). No que se refere à representação das periferias das grandes cidades, a estudiosa nota mecanismos depreciativos semelhantes, buscando discernir as representações literárias que confirmam representações sociais negativas daquelas que as colocam em perspectiva. Ao buscar nuances, efeitos de confirmação/problematização das representações sociais implicadas em construções identitárias (por sua vez relacionadas a jogos de poder), a pesquisadora, além de evitar abordagens conteudistas (ou seja, atentando para as estratégias de composição literária), não incorre num olhar judicativo, formulando mais perguntas que respostas definitivas acerca das obras que traz para discussão. Quais obras seriam estas? A autora trata, primeiramente, de dois “precursores” da literatura marginal e periférica, analisando *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus, e *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos. Passa, então, para estudo da literatura marginal e periférica de final do século XX e começo do XXI, tratando especialmente da produção de Francisco Maciel (*O primeiro dia do ano da peste*), de Ferréz (*Capão pecado*, *Manual prático do ódio* e contos selecionados), Paulo Lins (*Cidade de Deus*) e de autores como Sacolinha, Sérgio Vaz e Alessandro Buzo. Trata, ainda, do rap “Diário de um detento”, de Jocenir e Mano Brown (integrantes do grupo Racionais MC’s), do filme *Cidade de Deus* (de Fernando Meirelles), passando pelo relato de André Du Rap a Bruno Zeni (*Sobrevivente André Du Rap, do massacre do Carandiru*).

Ao abordar estas produções, a estudiosa se mostra atenta para a posição social do artista (se é de bairro periférico, qual sua escolaridade, se é bran-

co ou negro, etc.), a fim de verificar como se dá a circulação de sua obra (qual a editora ou gravadora, como se organiza a publicação ou veiculação do texto), qual o público previsto, enfim, para os mecanismos concretos de produção e recepção do objeto artístico. Flagra, com essa disposição teórico-metodológica, a singularidade de um fenômeno recente na literatura brasileira:

os escritores marginais, e os periféricos, na maioria das vezes são grandes promotores sociais para incentivar a produção cultural em suas comunidades de origem. Trata-se de um fenômeno duplamente novo na literatura. Não só os oprimidos assumem sua voz, como decidem construir o seu público, dando-lhe estímulos e as oportunidades de desenvolvimento que o sistema escolar – as circunstâncias econômicas – lhes negou (2008, p. 39).

Sperber lembra que se faz necessário distinguir esta literatura contemporânea da “literatura marginal” da década de 70, a dos “escritores do mimeógrafo”, em geral de classe média e classe alta, que produziram sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo a estudiosa, a literatura atual se particulariza porque fala “da periferia, usa bastante gíria da periferia, ou de traficantes, tem regras gramaticais próprias deste conjunto de habitantes, retrata seu meio” (p. 38), e porque seus autores são da periferia, como também parte relevante de seu público. Lembra, também, que a literatura contemporânea produzida por estes escritores/agentes sociais tem se denominado “marginal” (como nos volumes especiais da revista *Caros amigos*, de 1998, 2002 e 2004, e na antologia *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*, organizada por Ferréz, de 2005) e “periférica”, como no “Manifesto da Antropofagia Periférica” (de 2007), de Sérgio Vaz (transcrito na íntegra por Sperber, p. 77-78).

Mesmo que o título da antologia de Ferréz aponte para uma indistinção entre “marginal” e “periférica”, a pesquisadora lembra que o grupo de Sérgio Vaz, que opta pela segunda forma, apresenta certas especificidades:

a produção destes autores [Sérgio Vaz e Marcos Pezão] se difere da literatura de Ferréz. Esses poetas se chamam

de 'artistas-cidadãos', porque há um movimento de cidadania por trás de sua produção literária (p. 40).

Sperber dá destaque para os encontros no bar chamado "Zé Batidão" (em Taboão da Serra – SP), em que estes "artistas-cidadãos" "trocam poemas, comentam o fazer literário, discutem as mais diferentes questões". Este grupo, que já em 2000 montara a Cooperifa (Cooperativa de Poetas da Periferia), parece interessar especialmente à autora (vale mencionar que o livro de que tratamos foi lançado no IEL-Unicamp em 23/04/09 e no bar Zé Batidão em 10/06/09). Em sua perspectiva, trata-se de um grupo que desenvolveu estratégias para driblar o silenciamento social:

o grupo constitui-se por completo, circular, porque configura todo o sistema literário – e cultural – na medida em que reúne emissores, autores e público leitor, ou ouvinte. Este é um fenômeno novo, em que o encontro regular garante voz aos que não a têm, socialmente. [...] A meu ver é a ponta do *iceberg* de uma cultura feita por novas vozes, novos emissores e francamente engajada com a formação de um público leitor e produtor de cultura, cuja postura (olhar) traz a novidade, porque reúne origens diferentes, de tradições diferentes, de etnias diferentes (2008, p. 40).

Tomar a palavra torna-se, ao longo do livro, gesto de resistência à instalação da violência. Em diálogo com Hannah Arendt (*A condição humana* e *Da revolução*), Sperber sugere que quando "a palavra não é possível, a violência se afirma e a condição humana é negada.

A reversão e a alternativa à violência passam pelo resgate e devolução do direito à palavra, pela oportunidade de expressão das necessidades e reivindicações dos sujeitos, pela criação de espaços coletivos de discussão, pela busca sábia do dissenso e da diferença (p. 59).

Os saraus da Cooperifa, ao garantir "voz aos que não a têm socialmente", concorrem para a ampliação dos espaços de diálogo na sociedade brasileira, resistindo ao "império do silêncio", "ao agir sem argumentar", à violência.

A autora está, assim, atenta a dois problemas, relacionados porém distintos, que envolvem a literatura marginal e periférica: a) o significado social da formação de novos sistemas literários (com produtores e receptores organizados) nas periferias brasileiras (ou seja, pergunta-se se este novo fenômeno literário não seria, em si, uma forma de luta contra as injustiças sociais); b) a questão de quais os efeitos que a representação da violência, frequente nessa literatura, teria em termos de tomada de consciência, por parte de seus leitores, das injustiças que marcam a sociedade brasileira, tendo em vista sua transformação. No primeiro caso, a questão de fundo seria: o que significa, afinal, fazer literatura? (repondo uma questão teórica a que se dedica, com acuidade, em *Ficção e razão*); do segundo problema, desdobram-se novas perguntas: falar da violência é sempre uma forma de combatê-la? Haveria, o risco de se produzir um discurso a serviço da violência? Nos termos de Sperber:

os programas que exploram-exploraram o 'mundo cão' não se encontram só em programas de *reality-TV*, do tipo 'Cidade alerta', com altos índices de audiência. Também a literatura que trata da violência atrai o público. A expressão e exploração da violência alimentam, em forte medida, o medo – e imobilizam a população, enquanto simultaneamente acirram os ânimos contra os favelados, pobres, negros. Por outro lado, alimentam aspectos sadomasoquistas e o voyeurismo do público espectador ou leitor. [...] Trata-se de uma catarse pelo avesso, pela culpa. [...]  
Há autores que parecem ter prazer em mostrar a violência, como os apresentadores de TV já mencionados, ou leitores e espectadores de notícias sanguinolentas. Quando existe este gosto, ele reflete uma condescendência social para com a violência (p. 23-24).

As questões propostas por Sperber escapam ao senso comum. A autora não se deixa tomar por uma espécie de complacência culpada (culpa que, inclusive, denuncia), frequente na intelectualidade brasileira, que veria em toda a produção periférica apenas positividade (sem haver necessidade de ler criticamente esta produção, numa forma disfarçada de desprezo, portanto). A

autora respeita os textos que escolhe analisar, produzindo questionamentos a sério. A abordagem do romance *Cidade de Deus* é, neste sentido, bastante fina. Dialogando com Roberto Schwarz e Tânia Pellegrini, e trazendo para discussão estudos sobre a violência nas grandes cidades brasileiras, a autora questiona o potencial crítico do romance de Paulo Lins, perguntando se não estaria reproduzindo e reforçando certos preconceitos relacionados aos moradores das favelas. Sua análise é instigante, envolvendo a construção de personagens, a configuração da voz narrativa, as expectativas que o romance apresenta de transparência com relação à realidade, entre outros aspectos, como a curiosa “invocação épica” com que se abre. Após cuidadoso estudo, sugere que o leitor “acha que tem escolha de leitura, mas a leitura não lhe deixa outra alternativa a não ser considerar que a violência decorre dos branqueros e que quem trabalha é otário. O discurso é praticamente lugar comum [...]” (2008, p. 66).

Sperber demanda a atenção para a recorrente “síndrome de exceção” (ou de Ricardo III) na representação da violência, ou seja, para a recorrência com que os crimes apresentados em *Cidade de Deus* (e não só) se justificam por um mal maior (a violência social), os algozes deslizando para a condição de vítimas. Como efeito possível, especialmente nos leitores brancos de classe média e alta, a produção de culpa (ou de uma “catarse pela culpa”). É então que questiona: “este não corresponde ao discurso do sacerdote, tal como o definiram Spinoza, Nietzsche e Deleuze? Assim sendo, seria um discurso que propõe a impotência. Longe fica a ética da liberdade e da alegria” (p. 68). O recurso às reflexões éticas de Deleuze (em diálogo com Nietzsche e Spinoza) se faz, então, produtivo: o sacerdote tira seu poder da capacidade de infundir culpa, comprometendo-se com o *status quo*. A questão radical proposta por Sperber parece ser: a literatura que tematiza a violência não pode, mesmo que involuntariamente, ver-se enredada em mecanismos sociais que geram violência (opressão, silenciamento)? Infundir culpa (e diluir a responsabilidade) poderia, em alguma medida, produzir transformação?

O livro *Identidade e Alteridade* interessa por mais de uma razão. Faz-se incontornável àqueles que buscam se aprofundar nas questões teórico-críticas

e ético-políticas que a produção literária marginal e periférica envolve, pois Sperber, além de dialogar com outros estudiosos, formula questões importantes e agudas, merecedoras de um debate amplo. Pode ser, também, útil ao leitor que busca, por sua vez, uma introdução à literatura marginal e periférica, pois reúne textos literários (inclusive transcritos na íntegra, como os poemas “Fotografia” e “Manifesto da Antropofagia Periférica”, de Sérgio Vaz, “Justiça, ainda que tardia” de Alessandro Buzo, e o rap “Diário de um detento”, de Jocenir e Mano Brown) e discorre sobre sua formação (explicitando como esta literatura ganhou contornos próprios nas últimas duas décadas). O livro guarda algo dos cursos de pós-graduação que lhe deram origem, parece convidar o leitor ao debate, à discussão, empenha-se em trazer novos olhares e diferentes perspectivas para enriquecimento das análises e reflexões. Parece convidar o leitor a participar da construção de um trabalho em curso, tornando-se, assim, adequado como primeiro volume de uma coleção que se intitula *Work in progress*, coleção que, a contar pelo livro de Suzi Sperber, pode contribuir em muito para o debate intelectual brasileiro, na academia e fora dela.